



!Caigan Las Rosas Blancas!

Evento holandês que inaugura o circuito anual dos maiores festivais do cinema do mundo fecha sua 54ª edição consagrando estéticas de invenção e celebrando a produção brasileira

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Nesta sexta-feira (7) será a derradeira exibição de “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles (nosso concorrente ao Oscar), no Festival de Roterdã, na Holanda, que encerra sua 54ª edição neste domingo com a certeza de ter inaugurado o garimpo anual das grandes mostras competitivas de cinema do planeta pelas raias da invenção. Fundado em 1972, o evento inaugurou seus trabalhos de 2025 no dia 30 de janeiro, com a exibição da comédia policial “Fabula”, de Michiel ten Horn. Desde então, esforça-se para demarcar a pluralidade a partir da engenharia curatorial de sua diretora artística, Vanja Kaludjeric. Ela trouxe um bonde brasileiro para sua grade. Em uma de suas mostras, a Harbour, entrou o longa mineiro “Suçuarana”, de Clarissa Campolina e Sérgio Borges. Com CEP em São Paulo, “Levante”, de Lillah Halla, já lançado em circuito, leva um debate sobre fundamentalismo e luta feminista para a mostra Education. O Brasil emplacou ainda quatro curtas nas imediações dos Países Baixos: “Quem Se Move”, de Stephanie Ricci; “Tragédia”, de Bernardo Zanotta; “Bisagras”, de Luis Arnías; e “Fale a Ela o Que Me Aconteceu”, de Pethrus Tibúrcio. Salles, como esperado, comoveu plateias ao reviver a luta de Eunice Paiva (1929-2018), advogada e ativista que peitou o governo militar nos anos 1970.

RIFF Divulgação



Raptures

Roterdã de cofres abertos

Pela proximidade com a cerimônia anual da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood (a deste ano será no dia 2 de março), Roterdã sempre abre espaço para oscarizáveis em potencial. É o caso do blockbuster de Salles, com Fernanda Torres. O flerte com a estatueta dos EUA se materializa ainda nas projeções do esperado “O Brutalista” (“The Brutalist”), neste sábado.

O ganhador do Globo de Ouro de Melhor Filme de Drama vem se notabilizando por sua radical engenharia visual (fotografada em 70mm). Seu realizador, Brady Corbet, é o favorito entre oscarizáveis de 2025, na categoria Direção. Trata-se de um esplendoroso painel histórico (de 3h e meia) sobre o calvário de um arquiteto húngaro (Adrien Brody) na América do pós-Guerra, sob os auspícios de um milionário excêntrico (Guy Pearce).

Estreia no Brasil no dia 20.

O Correio da Manhã elenca a seguir algumas das principais descobertas do evento, que foi essencial para a consolidação de vozes autorais latinas. Dois marcos da pluralíssima estética pernambucana - “Baixio das Bestas”, de Claudio Assis, e “O Som Ao Redor”, de Kleber Mendonça Filho - foram premiados em Roterdã em edições passadas (2007 e 2012, respectivamente) da maratona cinéfila. Ela integra o time dos sete festivais que mobilizam os motores da autoridade em escopo internacional. Abre um circuito competitivo que segue com Berlim (fevereiro); Cannes (maio); Locarno (agosto); e a trinca Veneza, Toronto e San Sebastián, em setembro. Sundance, realizado em janeiro, só que nos EUA, em Park City, Utah, teve já um prestígio similar ao desse G7, mas perdeu muito de seu